

TERRITÓRIO DE RUA DAS TRAVESTIS: NA AVENIDA ENGENHEIRO ROBERTO FREIRE-NATAL / RN, A PROCURA DO PRAZER.

Ormind Bezerra da Silva – GEO / UFRN – ormindabs@gmail.com
Valdemar Pereira da Silva – Magistério / RN – vps_val@yahoo.com.br

Resumo

As travestis pertencem a um segmento da sociedade considerado “estigmatizado e negligenciado pelas políticas públicas, cujo cotidiano é marcado por discriminação, exclusão e violência, que influenciam na construção e na formação da própria identidade” (CASEMIRO, 2011). Incluindo sua vivência educacional. Conforme destaca (PERES, 2005, p. 57) “A escola apresenta muita dificuldade no trato da orientação sexual e de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais”. O estudo Território de Rua das Travestis: Na Avenida Engenheiro Roberto Freire-Natal/RN, a Procura do Prazer. Enfoca a prostituição, em especial das travestis nesta avenida. Analisa o processo de construção / reconstrução do território do prazer. É com esse entendimento que devemos investigar o território das travestis profissionais do sexo, destacando-se a discussão de alguns conceitos, tais como: espaço, território, territorialidade e lugar. Efetiva-se uma análise dos dados de pesquisas realizadas em bibliotecas e instituições, bem como, em levantamentos realizados através de questionários, observações empíricas e entrevistas.

Palavras-chave: Travestis; Território; Procura do Prazer.

1- Introdução

Esta pesquisa constitui-se num exercício acadêmico de caráter exploratório, na qual pretendemos analisar o processo de construção/reconstrução do território do prazer na Avenida Engenheiro Roberto Freire em Natal-RN.

Sem dúvida, a escolha desse objeto de estudo não se enquadra numa temática voltada para a geografia tradicional. Em nosso entendimento, um dos compromissos mais importantes da Universidade é – desenvolvimento de estudos e pesquisas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática. Nesse sentido, a tentativa de compreender a forma como os diversos sujeitos sociais se relacionam com o espaço-territorial, entendido como objeto geográfico por excelência, é

tarefa dos mais importantes para apreensão dos lógicos de exclusão e inclusão sócio-espaciais que a vida em sociedade impõe aos diversos agrupamentos humanos.

Num primeiro momento, nosso interesse concentrava-se em pesquisar a prostituição feminina, travestis e michês (rapazes de programa), acerca do espaço territorial da Avenida. No entanto, depois de seguidas tentativas, constatamos a imensa dificuldade, de interação com esses atores sociais (a prostituta e o michê). Diante dessa realidade, resolvemos desenvolver nosso trabalho com as travestis prostitutas, visto que esses profissionais do sexo, ao serem abordados por nós, não demonstraram constrangimento em se assumirem enquanto tais.

É com esse entendimento que devemos analisar o território das travestis prostitutas como objeto privilegiado de análise da presente pesquisa. Em primeiro lugar, por se tratar de um conjunto de pessoas que, em relação com o espaço público, está sujeito aos mais duros preconceitos e discriminações e, em segundo, por se constituir uma área de estudo praticamente inexplorada, em particular numa perspectiva geográfica.

2- Fundamentação Teórica

O presente estudo analisa os fragmentos espaço-territoriais da Avenida Engenheiro Roberto Freire, que se configurou em territórios da prostituição, e dando ênfase aos conteúdos e significados da construção/reconstrução do que denominamos de território do prazer usado, por prostitutas e travestis.

O espaço pode ser considerado o mais interdisciplinar objeto de análise. Ele é hoje tema de reflexão de arquitetos, historiadores, antropólogos, geógrafos entre outros, fazendo com que se busque referências diversas vezes em outras áreas.

O espaço urbano apresenta várias características que interessam ao geógrafo por ser fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de luta (Corrêa, 1995).

O espaço é fragmentado porque pode ser compreendido por diferentes usos, que definem áreas distintas em forma e em conteúdo social. Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, cada uma de suas partes mantém relação espaciais com as demais, estas relações se apresentam através de fluxos de veículos e de pessoas associadas aos deslocamentos cotidianos entre áreas residenciais os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes como: comprar no shopping, no

centro da cidade, idas ao cinema, praia. Estes diferentes fluxos que se realizam de pessoas e veículos é o que articula o espaço fragmentado. (Santos, 1988) destaca que a organização espacial se revela, de um lado, a partir de elementos fixos constituídos como resultados do trabalho, e, de outro, através dos fluxos que garantem as interações entre os fixos. Sendo assim, os lugares da cidade estão articulados de alguma maneira, estabelecendo-se redes de padrões, intensidades e naturezas distintas de fluxos. Só que a articulação de cada parte da cidade não é a mesma, pois a articulação também é desigual. Os lugares não estão articulados entre si com a mesma intensidade, em decorrência da divisão territorial e social do trabalho que é desigual.

Segundo Corrêa, (1995). O espaço urbano não é só fragmentado e articulado é também reflexo e condicionamento social. A cidade reflete a natureza social, apresenta classes sociais distintas: condição social, existência das funções sociais e de reprodução; campo simbólico, cotidiano vivido dia a dia e campos de lutas de direitos à cidade. É no espaço urbano que as lutas se desenvolvem, já que a cidade é, ao mesmo tempo, cenário e objeto das lutas sociais, tendo como dimensão espacial a formação de diversos territórios, até mesmo de grupos marginais a partir de práticas tidas como ilícitas.

“O território é normalmente demarcado por limites de uma territorialidade, onde um indivíduo ou grupo estabelece relações de domínio ou controle sobre uma área geográfica” (Sack, 1986; Soja, 1993 e Raffestin, 1993 apud Ribeiro, 1997, p. 103). O território também pode ser visto como uma apropriação simbólica, identitária e afetiva do espaço: conceito desenvolvido por Tuan 1980, onde o lugar é muitas vezes utilizado como sinônimo de território, através da “topofilia” e “topofobia” que significam. Por topofilia entende-se as experiências positivas e agradáveis que o sujeito tem em sua relação com o meio ambiente material, enquanto topofobia refere-se às experiências repulsivas, desagradáveis e negativas que podem caracterizar a relação ser humano-espaço. Em outras palavras, as experiências topofílicas nos proporcionam conforto, relaxamento, segurança e prazer, e as experiências topofóbicas induzem à ansiedade, medo e depressão. (Tuan, 1980).

É nesse sentido que Tuan (1983) se refere ao estudo dos sentidos e idéias das pessoas a respeito do espaço e do lugar.

Para Carlos 1996, espaço e lugar não podem ser conceituados separadamente, embora “espaço” seja uma noção mais abstrata que “lugar”. A indiferenciação do espaço corresponde a intimidade do lugar. Ao lugar são atribuídos a segurança e a estabilidade, enquanto ao espaço é movimento, lugar é pausa. A pausa no movimento

transforma o espaço em lugar, dotando-se de valor próprio. Nas palavras de Carlos (1996, p. 20).

O lugar é a porção do espaço apropriáveis para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade lato sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos (1996:20).

A partir desses conceitos de espaço e de lugar, Tuan (1983) apresenta-nos o de experimento, entendida como as diversas maneiras como a pessoa conhece e constrói a realidade, as quais variam desde o uso direto dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), até a forma indireta de simbolização. Sendo a experiência constituída por pensamentos e sentimentos, a forma como o homem experiência o espaço, transformando-o em lugar, revela sua mentalidade e sentido.

Nas Palavras de Souza 1995, o território é:

Antes, relações sociais projetadas no espaço, configurando-se como espaços definidos e delimitados por relações de poder, ou em outros termos, como relação de poder especialmente delimitados que operam sobre um substrato referencial.

Por isso é que Sack (apud Ribeiro; Mattos, 1998. P.62) diz que “diferentemente de outros locais comuns, os territórios requerem esforços constantes para serem estabelecidos e mantidos”, a simples identificação de locais, áreas ou região no senso comum, não pressupõe necessariamente, a definição de um dado território, sendo que é importante se ter uma ação e controle de determinado espaço e de todos os seus atributos.

Sack (apud Ribeiro; Mattos, 1996), ainda enfatiza que o território pode ser usado “para conter, excluir, e que os atores que controlam necessariamente não precisam estar dentro do território, pois o controle de uma área, como meio de controlar coisas e/ou pessoas, podem ser feitas de diversas maneiras”. Nesse caso o espaço se torna um território, desde que seja tomado por uma relação social, de comunicação, onde seus atores (prostitutas, travestis prostitutas e eventuais clientes) se juntam e vivenciam-no em um determinado período de tempo. Isso porque a territorialidade reflete “a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade” (Raffestin, 1993, p.158).

Nas palavras de Foucault (apud Soja, 1993, p.183), a segregação entre grupos de prostituição é um produto da “instrumentalidade” do espaço – poder – saber e formam a base para espacializar e temporalizar o funcionamento do poder”. Raffestin (1993, p.159) acrescenta ainda que territorialidade pode ser definida então, como:

Um fenômeno de comportamento associado a organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem. Visto desta forma territorialidade é “segregar e compartimentalizar a interação humana, controlando a presença / ausência e a inclusão / exclusão” de determinados grupos (Soja, 1993, p.183).

Os territórios da prostituição são conceituados, a partir da apropriação de uma Rua, uma esquina, uma calçada ou um conjunto de Ruas por um determinado grupo de prostitutas, michês (rapazes de programas) e travestis, durante certo período de tempo, que através de uma rede de relações da adoção de códigos da fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para prática de tal atividade (Ribeiro; Mattos, 1996).

Vale salientar que as práticas de apropriação desses espaços como territórios da prostituição se dão de modo diferenciado. No caso desses prostitutas a legitimidade e o controle de seus territórios são bastante rígidos, não sendo possível a presença de outros atores desconhecidos no local, onde farão a sua defesa pela coerção ou através de atos de violência contra aqueles que tentam invadi-lo. Neste caso, a defesa das prostitutas e das travestis prostitutas está pautada nas relações de poder, por via do domínio ou do controle estruturado do território.

Segundo Ribeiro (1997), a territorialidade é reconhecida através das práticas sociais que, por um lado, são definidos por relações de poder, através da verificação, e por outro, pela apropriação simbólica e afetiva de uma área geográfica por indivíduos ou grupos. Então, o território simplesmente é a manifestação geográfica dessa territorialidade, através dos seus limites, que se dão de modo diferenciado.

A partir do momento em que determinado indivíduo se apropria do território, é necessário a adoção de determinados códigos e atos simbólicos para facilitar a identificação e a comunicação com os seus pares estabelecendo uma rede de relações, até mesmo com a própria polícia que precisam muitas vezes imporem uma certa “ordem” representada muitas vezes pela repressão, ou pela extorsão.

No estudo, comparando o espaço público que representa territórios da prostituição na cidade em especial na Avenida Engenheiro Roberto Freire, pode se dizer que, no caso das prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígido em consequência de se tratar de um território já consagrado. Enquanto que as travestis sua territorialidade é determinada não só pela adoção de códigos de falas, expressões e gestos, mas também pela violência explícita proveniente sobre tudo de agressões verbais e até mesmo físicas, havendo forte presença desse seguimento da prostituição localizada nas esquinas da à Avenida Engenheiro Roberto Freire, a partir do quarto quarteirão em direção a Ponta Negra.

Com a reconstrução, isto é, pavimentação e duplicação da Avenida, devido ao crescimento da cidade e ao advento do turismo, este local atraiu ainda mais estes “profissionais do sexo”.

A prostituta e a travesti prostituta se apropriam da Rua, conhecem todos os seus recantos. A Rua torna-se seu território, seu instrumento de trabalho que elas respeitam e dominam.

3- O contato

3.1 Abordagem Metodológica Pesquisadores/Travestis.

Esta pesquisa possui um caráter exploratório tendo como objetivo principal analisar o processo de construção/reconstrução do território do prazer das travestis na Avenida Engenheiro Roberto Freire em Natal-RN. Para atingir esse objetivo foram definidos os seguintes objetivos.

- a) Identificar e caracterizar as travestis prostitutas na área de estudo.
- b) Localizar as áreas de prostituição das travestis na Avenida objeto da pesquisa.

Procurando responder às questões formuladas, foram utilizados os princípios da pesquisa aplicada.

Para realização da pesquisa foram feitos levantamentos de informação direta e indireta. Os levantamentos dos dados primários diretos foram realizados através de questionários, entrevistas gravadas e não gravadas com as travestis, ao longo das esquinas e calçadas, na Avenida.

Ainda foram levantadas informações indiretas através de pesquisa bibliográfica na Biblioteca Central ZilaManede (BCZM) da UFRN, na Biblioteca Setorial do Mestrado de Ciências Sociais (BMCS) da UFRN, visita a órgãos públicos tais como: Instituto de Planejamento de Natal (IPLANAT), Polícia Militar, Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente (IDEC), Casa renascer, Núcleo Nísia Floresta de Estudo e Pesquisa sobre mulher e relações sociais de gênero (NEPAM), Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres e das Minorias (CMDMM).

Durante o estudo de campo, frequentamos todas as esquinas da avenida com objetivo de interagir com o grupo objeto de estudo, promovendo-se a coleta de dados por meio de quatro recursos básicos: observações livres, conversas informais, entrevistas estruturadas e gravações. Nesse processo de reconhecimento da realidade empírica do grupo, realizamos contatos múltiplos e informais com aproximadamente oito travestis, com os quais interagimos em face da maior aceitação de nossa presença.

Ao longo dos meses que estivemos em contato com os travestis da área estudada, nossa presença esteve orientada por uma considerável interação e integração entre o pesquisador e o grupo estudado. Uma de nossas preocupações principais sempre foi a de não atrapalhar o trabalho das travestis que se dispunham a nos ceder parte de seu tempo e atenção, afastando-nos, sistematicamente, sempre que aparecia um potencial cliente. Por outro lado, em nenhum momento, fomos solicitados a pagar pelas informações que estavam nos sendo prestadas.

Durante os primeiros meses de trabalho de campo, embora geralmente tenhamos nos apresentados como profissionais da geografia que estava realizando uma pesquisa, esquivamo-nos de fazer perguntas diretas. Era fundamental conquistar o mínimo de confiança para sermos aceitos no grupo, para tanto estabelecemos laços efetivos que nos resguardassem de situações de violência e exclusão. Ao longo desse processo, em que muitas vezes, nos momentos de pouco movimento, simplesmente conversávamos despreocupadamente com as travestis, tivemos a oportunidade de conhecer a travesti mais antiga da avenida, que passou a ser nossa principal informante, que em muito auxiliou-nos no processo de socialização com suas colegas de trabalho.

Nós optamos por trabalhar principalmente com as entrevistas como instrumentos privilegiados de levantamento de dados, traz consigo a necessidade de esclarecimento de outros pressupostos metodológicos.

O primeiro desses pressupostos diz respeito ao reconhecimento da existência de condições sociais de discursos (falas), ou seja, à compreensão de que as entrevistas

gravadas com as travestis que trabalham na Avenida foram decisivamente influenciadas tanto pela situação imediata de enunciação de discurso (no caso, o contexto de realização da entrevista), quanto pelas situações conjunturais e pelas determinações estruturais da sociedade em que a travesti se insere (Orlandi, 1993). Isso porque a enunciação de discursos é diretamente influenciada por fatores das mais diversas ordens, que variam desde o estado emocional do entrevistado no momento de realização da entrevista, até o contexto geográfico-histórico em que vivem os atores.

Compreendendo-se os discursos como o conjunto dos enunciados que podem e devem ser elaborados em determinados contextos sociais, um segundo pressuposto metodológico é o reconhecimento de uma vinculação explícita entre discurso e ideologia. Desta forma, os discursos das travestis devem ser compreendidos como a “codificação” de visões de mundo ideologicamente estruturados, onde palavras e expressões recebem um sentido próprio, a partir da posição que os sujeitos ocupam na sociedade (Sader, 1988). Vê-se portanto, que o sujeito é socialmente constituído, o seu discurso emerge de formações ideológicas, as palavras mudam de sentido ao passarem de um discurso para outro e os sentidos de um texto estão determinados pela posição de quem o produz e de quem o lê (Orlandi, 1988).

Em vista disso, um terceiro pressuposto, o do reconhecimento da contraditoriedade da noção de sujeito, assume importância fundamental: “...Os processos discursivos não tem sua origem no sujeito, embora eles se realizem necessariamente nesse sujeito” (Orlandi, 1983, p.192). Ou, em outras palavras: “...o discurso não nasce no sujeito, por isso os sentidos não se originam nele, são retomados por ele” (Orlandi, 1988, p.107).

Além desses três pressupostos, a análise empreendida nesta pesquisa tem por base a compreensão de que a entrevista transcrita, em quanto objeto teórico é um inacabado e incompleto, assumindo a forma de um discurso. Segundo Orlandi 1983, esta incompletude possui um caráter intersubjetivo, manifestando-se tanto pelo conjunto de ideias implícitas presentes em um texto, as quais possibilitam a construção de relações de sentido entre o dito e o não dito pelo sujeito, enquanto pelas relações que podem ser constituídas a partir da intertextualidade, ou seja, das relações entre o que um texto diz e o que dizem os outros textos.

Nesta perspectiva, Orlandi 1988, salienta que é importante pensar-se na existência de um autor onipresente, um leitor onisciente ou de um texto transparente. Tomando-se a leitura como uma interação verbal entre indivíduos, cada leitura

construirá um novo texto, fazendo com que um mesmo texto multiplique-se em muitos outros. No entanto, existem limites diante dessas múltiplas possibilidades de leitura de um texto, fazendo-se necessário o reconhecimento de uma relação de interação reguladora dessas possibilidades. Ainda que as leituras possam ser várias, nem todas são boas, ou seja, nem todas captam um sentido que possa ser efetivamente associado ao texto, não passando muitas vezes, de divagações ou compreensões equivocadas por parte do leitor.

Assim, pautando-nos por esses pressupostos e orientações metodológicas gerais, realizamos o trabalho de campo e as entrevistas com travestis profissionais do sexo que trabalham na Avenida Engenheiro Roberto Freire, na tentativa de compreender os discursos em questão, e não apenas interpretá-los.

4- Resultados e Discussões

A Avenida Engenheiro Roberto Freire é caracterizada pelo grande número de diversidade de pessoas que nela circulam, devidogrande variedade de atividades desenvolvidas pelos moradores para o centro urbano, como a ida ao bairro de Ponta Negra onde está localizo, o grande número de hotéis, pousadas, casas de show, bares e restaurantes, boates, atesta a vocação turística do bairro, que hoje pouco lembra a época em que a população era basicamente de pescadores, onde a praia de Ponta Negra funcionava barraqueiros nativos e pouco estruturados.

A apropriação do espaço urbano pelos usuários das atividades comerciais concentra-se no período diurno, o que implica o seu esvaziamento às primeiras horas da noite e nos finais de semana, exceto os postos de combustíveis, restaurantes e os shoppings que seufuncionamento é mais constante.

No início da noite, a paisagem urbana da Avenida passa a ser utilizada de maneira diferente. Os usos diurnos cedem lugar a uma nova demarcação de fronteiras no espaço público, que estabelece diferentes formas de apropriação do espaço e de relações interpessoais. Ainda que aplicadas a uma outra realidade sócio-geográfica que não é aqui tratada, as palavras de Jardim (1996, p.69), são adequadas para pôr em evidência essa nova dimensão.

A 'hora escura', condição de cenário, apresenta os atores que chegam atravessando limites inconfessáveis, dispensando as formalidades aduaneiras. Não se trata de atores, senão de

Eventualmente, ao sabor das circunstâncias e das disputas territoriais cotidianas, travestis e prostitutas partilham do mesmo espaço geográfico de prostituição, embora raramente participem de um mesmo território da prostituição.

Feitas estas considerações, destacamos que nossa pesquisa de campo num primeiro momento, envolve toda Avenida, quando procurávamos contato com os sujeitos a serem estudados. Num segundo momento, restringimos nossa pesquisa ao grupo de travestis que constitui seu território de prostituição nas imediações das Ruas assinaladas no mapa.

A localização dessas ruas privilegia ao cliente motorizado boas condições de abordagem do profissional do sexo, seja pelo ambiente pouco iluminado, seja pelo baixo número de pedestres na área, o que facilita a negociação entre as partes. Além disso, a existência de motéis nas imediações favoreceu a prática e realizações de seus prazeres e de suas fantasias, favorável a situação de anonimato e clandestinidade que caracteriza a relação travesti-cliente.

O Contato inicial com as travestis da Avenida Engenheiro Roberto Freire-Natal-RN, não foi uma tarefa das mais difíceis, a exemplo do que ocorre, geralmente, como todo pesquisador que trabalha com grupos sociais imersos em complexos lógicos de exclusão social, como mendigos, drogados, meninos de Rua e outros. No caso do nosso trabalho de campo, geralmente fomos confundidos, nos primeiros momentos, com potenciais clientes e para os passantes como prostituta (pesquisadora). Diante dessas confusões, assumíamos nossas condições de pesquisadores que estava tentando fazer uma pesquisa sobre prostituição de rua.

Nesses momentos iniciais, quando ainda não havíamos estabelecido vínculos significativos com os profissionais em questão, muitas foram as situações de medo, insegurança e vulnerabilidade, ainda que nem sempre pudéssemos distinguir o medo real e o imaginário, este último, fruto das representações sociais negativas que estão relacionadas à prostituição das travestis e a cena noturna, mal iluminação da Avenida.

Da mesma forma que (Silva 1993), optamos por estabelecer vínculo com as travestis da área em estudo sem mediação de qualquer organização social, a exemplo do grupo “Oxente” de libertação Homossexual (GOLH), ou grupo de defesa aos travestis e transexuais no estado (Atransparência-RN), preferimos a ausência de mediadores. Essa ausência de mediadores contribuiu para que fosse criada uma relação autônoma, livre de influência de terceiros.

Consolidado o vínculo com o grupo das travestis, cujo o território de prostituição é a Avenida Engenheiro Roberto Freire, em particular no meio da Avenida até aproximadamente a Universidade Potiguar – UNP, tivemos a oportunidade de conhecer melhor a realidade social dos sujeitos estudados. A construção desse vínculo foi favorecida pela atuação de S., travesti profissional do sexo que atua na área há tempo do que as outras, que exerce uma relativa liderança sobre o grupo, em função de sua idade (mais avançada que a da média do grupo), do tempo que está nas ruas e de sua experiência.

Em linhas gerais, os atores, objetos desta pesquisa que praticam o trottoir é formado de aproximadamente 26 indivíduos, que trabalham autonomamente, sem agenciador. Sendo que trabalhamos com um grupo de 08 travestis. Todos estão na faixa etária de 18 a 26 anos, com exceção de S., passando dos trinta anos. Residentes em Natal, constatamos que a maioria vieram das cidades do estado, ou de estados vizinhos como: Paraíba, Pernambuco e Ceará.

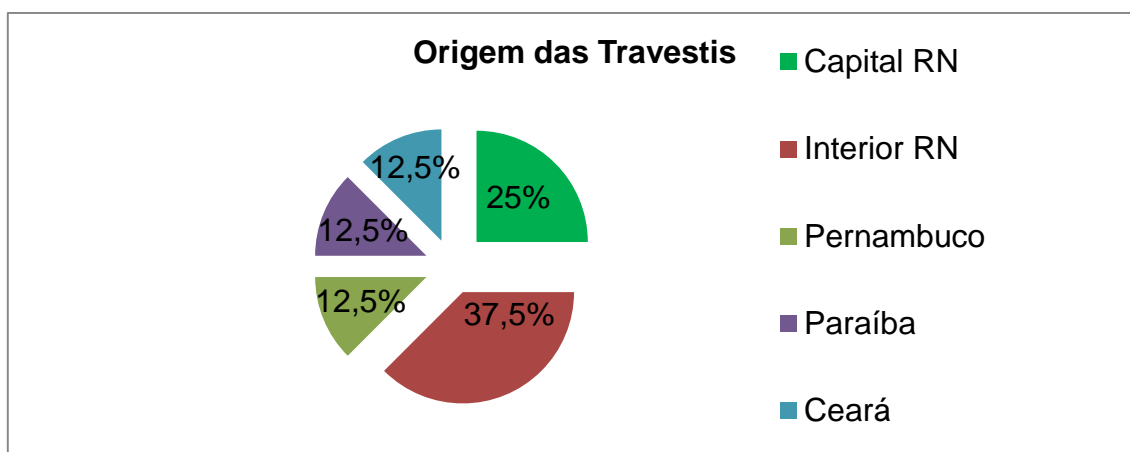


Gráfico 01

Fonte: Pesquisa de Campo

Em termos de escolaridade, apenas dois chegaram a ingressar, sem concluir o ensino médio, os demais possuem o ensino fundamental e as outras nem chegaram a terminar o fundamental. Já que muitas das travestis trazem experiências da escola não muito agradável, é imprescindível observar as condições em que elas estão inseridas já que muitas vezes o ambiente escolar se torna aversivo para a aprendizagem e o desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos “diferentes”. Originários de famílias pobres, somente um diz ter tudo, mas gosta de prostituir-se, os demais fazem da prostituição sua fonte exclusiva de sobrevivência. Outros antes de se tornarem prostitutas, desempenharam as funções de Dona de casa, empregadas domésticas,

cabeleireiras. Atualmente, todas, dedicam-se exclusivamente à prostituição. Em sua maioria, os entrevistados declararam que moram “sozinhos”, havendo dois que moram com familiares, uma com colegas e outra com o “companheiro”. A maioria mora nas imediações do local de trabalho, apenas duas moram na Zona Norte e outra no Bairro Nordeste.

Considerando que a apropriação do espaço e sua consequente transformação em território são posteriormente influenciadas pela criação, educação formal, experiências profissionais e os arredores físicos (Tuan, 1980), observamos que as travestis prostitutas da Avenida Engenheiro Roberto Freire, possuem elementos em comum (idade, nível de escolaridade, pobreza na infância, compartilhamento de um mesmo território de prostituição, experiência de exclusão social e ostensiva, entre outros).

De domingo a domingo, basicamente entre o entardecer e início da madrugada, múltiplos territórios da prostituição instalam-se na Avenida, acena é tomada pela presença de travestis prostitutas, que demarcam claramente sua territorialidade. Uma rede de relações interpessoais é o que assegura o ingresso de novas travestis neste território da prostituição.

Além das travestis, o outro sujeito caracterizado da Avenida enquanto território de prostituição é o cliente, que no caso em questão é geralmente descrito como uma “maricona” que precisa pagar para realizar suas inconfessáveis fantasias sexuais.

As mariconas, meu amor, o ideal delas é o seguinte: elas pagam pra manter um segredo. Elas têm o seu lado sexual que não pode se revelado, por isso, elas nos procuram. Enfim, ela paga pra manter o silêncio, o segredo dela intacto. Ele ela gozou, fez papel de mulher em alguns casos, realizam as fantasias, pronto, te pagou pelo silêncio (uma da entrevistada).

Os principais conflitos entre as próprias prostitutas e entre estes clientes estão sempre relacionados com dinheiro. A disputa por clientes, o calote, a chantagem e o furto são episódios corriqueiros na dinâmica das relações interpessoais da Avenida. Brigas, discussões, ciúmes, invejas, enfim, todos os problemas decorrentes da competição por clientes e da relação de poder.

O território da prostituição funciona, como uma região moral (não são necessariamente um lugar de domicílio), onde sujeitos socialmente estigmatizados (Goffman, 1982), de forma segregada, reúnem-se para oferecer sexo pago e desfrutar socialização entre iguais. A cena principalmente noturna proporciona diversão, prazer,

troca de informações, partilha de intimidades, consumo de drogas e liberação de fantasias, ocorrendo muitas vezes violência, divulgadas pelos meios de comunicações de massa. Geralmente, as reportagens descrevem as travestis e seus territórios de prostituição como intrínseca e extremamente violentos, o que leva a população a associar a prostituição ao inverso da mais absoluta marginalização.

Assim, se por lado, a violência de fato se faz parte do cotidiano da Avenida Engenheiro Roberto Freire, por outro lado, constata-se que a mídia deliberadamente para a construção de uma imagem violenta da travesti e de seu território de prostituição, ao só noticiar aspectos ligados ao exótico e a violência, revelando uma carga de preconceitos, discriminação e exclusão social de que são vítimas:

“No meu entender eu acho assim, que muitos têm medo de vir aqui. Pelos comentários que falam que as travestis, os gays são perigosos, andam de gilete na boca, andam de navalha, anda de faca e cortam qualquer um, e isso não é verdade” (depoimento de uma entrevistada).

“Eles (os não freqüentadores da Avenida) acham o fim do mundo. Uma pouca vergonha homem vestido de mulher, homem pelado, piranha, prostituta. Eles acham um absurdo. E isso incomoda eles demais” (depoimento de outra).

Testemunhamos desse tipo de preconceitos por parte das pessoas que circulavam em seus veículos e nos confundiam com os profissionais da Avenida, xingando com palavrões tipo “comedores de viados” ou outros jogando “ovo” que chegou a nos atingir. Mas o preconceito não é só entre os não frequentadores da Avenida e sim entre eles, com relação a beleza, a idade, etc.

“Ah, eu só ando com traveco bem arrumado e cheirosa, cheia de silicone e bumbum arrebitado para atrair as mariconas que adoram um rabo” (outra entrevistada).

“Tu achas que eu, a loira mais bonita do pedaço vou andar com (S.) do rabo mole, nem morta, pois eu quero é faturar. E encontrei (C.) o par perfeito, vai mulher tire aí uma foto para comprovar nós duas somos as travecas mais bonitas e gostosas da área”.

Constatamos que esses profissionais também têm preconceitos com as outras menos afamadas no território delas.

5- Considerações Finais

A fugacidade e a distância social quase sempre presente na relação travesti-sociedade tem como pressuposto a exclusão deliberada das travestis do universo dos seres humanos, tendo essa distância a acentuar sua representação enquanto ser exótico e mitológico por excelência, objeto sexual destituído dos atributos definidores da natureza humana.

Para o cliente, a travesti, na maior parte das vezes, só possui existência enquanto profissional do sexo que atua numa determinada área do centro de uma grande cidade, sendo inconcebível, quase sempre, que as relações transcendam o âmbito do contrato sexual e se materializem na ida a restaurante, cinemas ou na apresentação das travestis a amigos e familiares do cliente, como eventualmente ocorre no caso das mulheres prostitutas.

A segregação espacial das travestis traduz a segregação social a que esses seres humanos estão sujeitos. Seus corpos produzidos transformam espaços em lugares, lugares em territórios, onde o prazer mistura-se ao medo e o exibicionismo é peça chave nos jogos de sedução. Nádegas empinadas, corpos seminus, trejeitos femininos e cabelos esvoaçantes invadem o espaço para apresentação de um espetáculo com lugares marcados. A cada noite uma produção é apresentada, Atraindo clientes que, atraídos pelo desejo, contribuem na formação de um lugar socialmente segregado, destinado à contenção de forças que, se liberadas em outros contextos sociais, poderiam desestabilizar a ordem vigente, centrada na rigidez dos papéis de gênero.

A competência das travestis para apresentar um papel feminino num lugar socialmente definido como masculino evidencia os complexos processos relacionados à privatização da esfera pública, onde a rua se transforma em casa e o motel em quarto de núpcias. No entanto estamos diante de uma mulher fálica, que embora às vezes reproduza valores e práticas do mundo das “não-travestis”, sonhando com príncipes e castelos encantados, sistematicamente explode com as expectativas sociais acerca dos papéis sexuais.

As contradições que impregnam seus corpos parecem ser as mesmas da avenida – casa e rua: lugares de perigo e segurança, de segregação e inclusão de fantasia e realidade, de prazer e dor, de exibição e ocultamento, de cotidianidade e exceção.

Na realidade, muito mais que pessoas, muita mais que corpos produzidos, as travestis são seres humanos pulsando vida. No mundo chamado Avenida Engenheiro Roberto Freire, que conforme percebemos nas maiorias das travestis as ruas são

violentas. E a rua muitas vezes é o único lugar que “acolhe” essas “novas” mulheres que devem aprender, desde muito cedo, a lutar pela sobrevivência.

Peres (2005) nas suas pesquisas afirma que na maioria das vezes a violência verbal e física não fica restrita ao âmbito familiar, a vizinhança se acha no direito de desprezar e humilhar as pessoas que desejam se transformar em travestis, expressando toda uma moralidade conservadora e hostil assim como revela o depoimento de Whitney: “meus colegas começou a descobrir, ah você é viado, você é boiola, você é gay, não saia daqui que aqui no meio da gente não tem viado isso e aquilo, aí comecei a enfrentar a vida”. Esses atores da Avenida Engenheiro Roberto Freire, não são exceção dessa realidade e muitos dos relatos evidenciaram tais preconceitos acima mencionados nas travestis da área analisada.

Por fim, reafirmamos que a Avenida Engenheiro Roberto Freire, em Natal-RN, apesar de suas transformações das últimas décadas ainda é um dos principais pontos de prostituição das travestis na cidade do sol.

Bibliografia

CARLOS, Ana Fani Alessandi. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995. (série princípios).

CASEMIRO, L. C. **A política de saúde, direito de todos e dever do estado: uma realidade para travestis e transexuais**. III Seminário Nacional – Gênero e Práticas Culturais, 2011, João Pessoa-PB.

GOFFMAN, Ervís, **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

JARDIM, Mário. **Le trottoir ou lês Tourism noir**: uma etnografia guiada ao orgiástico centro da cidade do Rio de Janeiro. Revista Item, Rio de Janeiro, nº 4, p.68-71, Nov. 1996.

OLANDI, Eni Pucinelli. **A Linguagem e o seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1988.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em saúde coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos; MATTOS, Rogério Botelho de. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. LAGET/UFRJ, V.1, N1, P.59-76, 1996.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. **Prostituição de rua e turismo**: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, Adir Balastrieri (Org.) São Paulo: Hucitec, p.102-118, 1997.

SACK, R. D. (1986). **Human territoriality**: its theory and history. London: Cambridge University.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitc, 1988.

SILVA, Hélio R.S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará:ISER, 1993.

_____. **Certas cariocas**: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

SOJA, Edward W. **Geografia pós-moderna**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, M. J. L. (1995). **O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TUAN, **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DEFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.